

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A HEGEMONIA DA LÍNGUA INGLESA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
O SUL GLOBAL: UMA ANÁLISE DE SERRA LEOA**

SARAH FAUSTINO CASADO

UBERLÂNDIA

2024

SARAH FAUSTINO CASADO

**A HEGEMONIA DA LÍNGUA INGLESA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
O SUL GLOBAL: UMA ANÁLISE DE SERRA LEOA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser
apresentado ao Curso de Relações Internacionais,
do Instituto de Economia e Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito para a Obtenção do
grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Laurindo Paulo Ribeiro
Tchinhamá

UBERLÂNDIA

2024

RESUMO

O inglês se tornou uma língua globalmente reconhecida, passando a desempenhar um papel intermediário nas relações interestatais e interpessoais. A sua alta posição foi resultado de um processo longo e, embora exerça a importante função de comunicação, desencadeou efeitos negativos sobre diversas sociedades, em especial nos países do Sul global. A ex-colônia britânica, Serra Leoa, foi um dos países que teve o domínio do inglês sobre suas línguas locais, tais como *mende*, *temne* e *krio*. Assim, sob um olhar pós-colonial, o objetivo geral do trabalho é entender como o inglês se tornou hegemônico e como sua hegemonia gerou implicações para o Sul global, em particular na Serra Leoa. Nesse sentido, buscou-se identificar quais os efeitos linguísticos, políticos e socioeconômicos para o Sul Global, partindo da hipótese de que a Inglaterra e os Estados Unidos foram os principais responsáveis por esse processo, um por meio da colonização e o outro por novas esferas de poder com o advento tecnológico. Para isso, realizou-se uma revisão de literatura sobre a dinâmica das línguas, como elas surgem e são ameaçadas, fornecendo aporte teórico para entender o processo histórico que tornou o inglês uma língua hegemônica. Ao fim, para analisar como os efeitos do inglês se dão na prática, foram exploradas literaturas e relatórios nacionais de Serra Leoa, que abordam a dinâmica entre as suas línguas locais e o inglês.

Palavras-chave: Língua inglesa. Hegemonia. Globalização. Sul global. Serra Leoa.

ABSTRACT

English has become a globally recognized language, playing an intermediary role in interstate and interpersonal relations. Its high position was the result of a long process and, although it performs the important function of communication, it has had negative effects on various societies, especially in the countries of the global South. The former British colony of Sierra Leone was one of the countries that saw English dominate its local languages, such as *Mende*, *Temne* and *Krio*. Thus, from a post-colonial perspective, the general aim of this work is to understand how English became hegemonic and how its hegemony generated implications for the global South, particularly in Sierra Leone. In this sense, we sought to identify the linguistic, political and socio-economic effects for the Global South, based on the hypothesis that England and the United States were the main responsible for this process, one through colonization and the other through new spheres of power with the advent of technology. To do this, a literature review was carried out on the dynamics of languages, how they emerge and are threatened, providing theoretical support to understand the historical process that made English a hegemonic language. Finally, in order to analyze how the effects of English play out in practice, literature and national reports from Sierra Leone were explored, which address the dynamics between their local languages and English.

Key-words: English language. Hegemony. Globalization. Global South. Sierra Leone.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. DA QUEDA DA HEGEMONIA DO LATIM À CONSOLIDAÇÃO DO INGLÊS NAS COLÔNIAS BRITÂNICAS	8
3. O NOVO HEGEMON: OS ESTADOS UNIDOS E A DIFUSÃO DO INGLÊS..	14
4. SERRA LEOA: OS EFEITOS DO INGLÊS SOBRE UM PAÍS MULTILÍNGUE	21
5. AS IMPLICAÇÕES DO INGLÊS PARA O SUL GLOBAL.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho inicia-se a partir da afirmação de que o inglês é uma língua hegemônica. Isso pode ser concebido de várias maneiras, em razão dos diferentes significados da palavra “hegemonia”. Esse conceito, por vezes, pode ser abordado em nível nacional, como Gramsci e sua análise da hegemonia de classes sociais, ou ainda em relação à ordem mundial, ou seja, a hegemonia de Estados e a dominância de um país sobre outros. Segundo Robert Cox (1983), a hegemonia mundial pode ser definida como:

Uma estrutura social, uma estrutura econômica e uma estrutura política [...] é expressa em normas, instituições e mecanismos universais que estabelecem regras gerais de comportamento para os Estados e para as forças da sociedade civil que atuam além das fronteiras nacionais (COX, 1983, p. 62, tradução nossa).

Apesar disso, são muito utilizados sinônimos como “dominância” e “influência” em se tratando de hegemonia. Assim, a hegemonia mundial da língua inglesa implica em sua dominância e/ou influência sobre demais línguas. Porém, seguindo a lógica de Cox (1983), entende-se que a hegemonia do inglês é uma expressão da hegemonia do Estado, que impõe uma estrutura que favorece a sua língua. Esse poder hegemônico é os Estados Unidos da América, assim como outrora foi o Império Britânico.

Ainda sobre as hegemonias, de acordo com o linguista Tore Jason (2015), países hegemônicos são passíveis de mudança. Sendo assim, as hegemonias ascendem e entram em declínio, não há uma estrutura permanente, o que também não significa que a mudança de hegemonia aconteça facilmente. Na realidade, historicamente são necessários muitos séculos para que Estados hegemônicos caiam. Exemplo disso, no âmbito das línguas, foi o tempo que perdurou a hegemonia do latim a partir do Império Romano até que o inglês se tornasse a língua hegemônica. E, apesar das discussões sobre a crise da hegemonia dos Estados Unidos, há de se considerar que ainda é um poder com estruturas bem consolidadas, consequentemente, sua língua também. Porém, é possível que as hegemonias, inclusive das línguas, sejam alteradas a longo prazo.

Essa troca de língua hegemônica mundial do latim para o inglês envolveu muitos acontecimentos, incluindo mecanismos coercitivos, utilizados pelos interessados na prevalência da sua língua em detrimento de outras. No caso do inglês, antes de se tornar a língua global, houve uma série de eventos, como a sua imposição em colônias britânicas, para finalmente tomar o posto do latim, que persistiu por um longo período mesmo após o fim do Império Romano.

Apesar da sua nítida importância instrumental em um mundo globalizado, pelo seu papel de quebra de barreiras de comunicação, o inglês é passível de uma análise crítica que ultrapassa sua função técnica. A sua posição como língua hegemônica, embora traga benefícios para a era globalizada de maneira geral, por outro lado, desencadeia efeitos negativos sobre diversas sociedades e suas línguas, em especial sobre países do Sul global, cujas línguas nativas foram subjugadas pelas línguas dos colonizadores europeus, como a Inglaterra na sua ex-colônia, Serra Leoa, país situado na região da África Ocidental. Em vista disso, o presente trabalho questiona, a partir do caso de Serra Leoa, como o inglês se tornou uma língua hegemônica e quais os efeitos disso para o Sul global?

A pesquisa parte do argumento central de que o inglês se tornou uma língua hegemônica devido ao processo de colonização, que foi um dos responsáveis por torná-lo uma língua global reconhecida, em função de ter permitido o contato entre o inglês e as línguas locais, e ter colocado sob domínio da Inglaterra diferentes comunidades linguísticas ao redor do mundo, principalmente no continente africano. O controle político e a introdução do sistema de educação do modelo europeu nos locais colonizados consistiram em mecanismos de predominância da língua inglesa. Mesmo que esse período histórico explique a difusão do inglês, não é suficiente para entender a hegemonia atual da língua.

Além do período colonial, supõe-se que os Estados Unidos, a partir do avanço tecnológico e sua ascensão como potência global a partir do século XX, tenham tido um papel mais significativo e eficiente do que a Inglaterra em mudar o significado do inglês para a sociedade internacional. Por fim, no que tange os seus efeitos para o Sul global, os mais plausíveis são os linguísticos, políticos e socioeconômicos. Os efeitos linguísticos são as consequências da imposição do inglês sobre outras línguas, que perderam seu espaço na sociedade em que estavam inseridas ou ainda estão sofrendo essa tendência de diminuição do número de falantes em detrimento de uma língua mais poderosa, nesse caso o inglês. Por sua vez, os efeitos políticos dizem respeito a perda de poder político dos indivíduos, da possibilidade de ocupar posições mais favorecidas na sociedade, em função de não falar a língua dominante. Já os efeitos socioeconômicos da hegemonia da língua inglesa consistem nas desvantagens aos não falantes de inglês no mercado de trabalho e em escolas e universidades. Desse modo, estes efeitos podem ser encontrados e mais bem ilustrados no caso de Serra Leoa, um país do Sul global que foi colonizado pela Inglaterra e adota o inglês como idioma oficial.

A metodologia deste projeto será de caráter qualitativo, consistindo em uma revisão bibliográfica. Esse método envolverá leitura e análise de materiais que abordam a história do inglês e o contexto linguístico de Serra Leoa, com o objetivo de identificar os impactos da sua

hegemonia. Para isso, parte-se da hipótese de que a Inglaterra deu início à difusão do inglês, e os Estados Unidos, posteriormente, consolidaram a língua em nível global, e as ações hegemônicas associadas à disseminação do inglês teriam gerado implicações significativas, com destaque para efeitos linguísticos, políticos e socioeconômicos nos países do Sul Global. O levantamento bibliográfico incluirá textos históricos, artigos e relatórios para um estudo de caso de Serra Leoa, para fins complementares e ilustrativos.

A atual configuração linguística do mundo demonstra uma estrutura de poder, em que as línguas do Norte global são dominantes – principalmente o inglês, mas também outras línguas europeias, como francês e espanhol – e as línguas do Sul global são subordinadas. Essa hierarquia é percebida no mercado de trabalho, nas organizações internacionais, no comércio internacional, entre outros âmbitos da vida humana e da sociedade. Embora a língua seja intrínseca a toda e qualquer interação internacional, e da interação entre línguas tenhamos muitos fenômenos importantes, existe pouca literatura nas Relações Internacionais que analise de forma crítica a sociedade internacional sob o olhar da língua, e quando acontece de ser abordada, a língua aparece com mais recorrência nos debates pós-coloniais.

Sendo assim, o objetivo geral do trabalho é entender como o processo de hegemonia do inglês gerou implicações para o Sul global, com ênfase em Serra Leoa. Ao longo da pesquisa, busca-se (i) desenvolver uma sistematização do processo de uma língua ao *status* hegemônico; (ii) analisar os instrumentos de projeção de poder da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos que permitiram a propagação do inglês, e (iii) examinar os efeitos do inglês como língua hegemônica, a partir de Serra Leoa. Para isso, o aporte teórico baseia-se em dois grupos de autores. De um lado, autores pós-coloniais que discutem o conceito de colonização e seus impactos, sendo eles: Aimé Césaire (2000) e Ngugi Wa Thiong'o (1986). Por outro lado, Tore Janson (2015) e David Crystal (2007) contribuem com o fundamento histórico, além de o primeiro introduzir o que significa uma língua ser poderosa, de alto ou baixo *status* e ser institucionalizada.

Em termos estruturais, pretende-se fazer, na primeira parte, uma retomada histórica da ascensão e queda do latim que, eventualmente, leva a perda do seu posto de língua internacional para o inglês. Num segundo momento, a parte histórica segue com uma busca de como o inglês se consolidou na Inglaterra e, posteriormente, em suas ex-colônias, analisando como os elementos e atores identificados no caso do latim se apresentam de forma similar ou diferente no processo de difusão do inglês. Na terceira parte, de cunho histórico, finaliza-se com uma abordagem da história da ascensão dos Estados Unidos enquanto potência global, de forma que explique como a sua projeção de poder permitiu que o inglês se consolidasse como língua

hegemônica global. Por fim, serão elencados os efeitos do inglês hegemônico ao Sul global identificados ao longo da confecção histórica da língua, e a partir do caso de Serra Leoa, que ilustrará como ocorrem na prática.

1. DA QUEDA DA HEGEMONIA DO LATIM À CONSOLIDAÇÃO DO INGLÊS NAS COLÔNIAS BRITÂNICAS

O latim tem sua origem em Roma, fundada em 753 a.c., passando a ser difundido conforme o avanço imperialista do que, posteriormente, tornou-se o Império Romano, alcançando grande parte da Europa, do norte da África, região da Palestina, Síria, Turquia e Grécia atualmente (Janson, 2015). Inicialmente, Roma possuía várias outras línguas no seu território além do latim. No entanto, essa foi escolhida e oficializada pela autoridade local, o Imperador romano, e a sociedade política romana prezava muito pelos que sabiam ler e escrever com eficácia o latim. Consequentemente, pessoas com esse perfil ocupavam cargos no governo.

Um fator primário essencial para a propagação da língua latina foi o fato de ter sido a língua adotada pelo Império Romano, ou seja, o latim foi selecionado em detrimento das outras para ser consolidado na política, na educação e outros setores formais da sociedade. Sem essa definição e preocupação de Roma com a língua, as consequências não seriam as mesmas nos territórios que foram dominados.

Em conjunto com o primeiro fator “Estado aliado íntimo de uma língua”, descrito por Janson (2015), o modelo de administração dos romanos das regiões conquistadas também esteve estritamente ligado ao sucesso do latim, o que seria o segundo fator. Este modelo consistia no controle econômico e político pelo Império Romano, e aqueles interessados em manter sua posição ou ascender naquele novo sistema, deveriam aprender o latim. Além disso, a Igreja católica, em séculos posteriores, aparece e se torna um ator importante e determinante ao tomar o latim como língua oficial nas igrejas do Império, por meio da tradução de textos cristãos. Assim, o latim passa a ser cada vez mais influente. Segundo o linguista sueco Janson (2015), isso significa que o latim passa a ter cada vez mais falantes e a adquirir proteção de instituições, como a administração do governo, o exército e a educação. Isso implicava na necessidade de aprendê-lo para usufruir de suas vantagens na sociedade.

Após seu apogeu, por intermédio do Império Romano, o declínio do latim aconteceu, gradativamente, após a queda do Império no século V com a invasão dos povos germânicos, passando de língua falada e escrita para majoritariamente escrita. O latim enquanto língua falada passou a se distanciar do padrão oficial de Roma e dialetos foram sendo formados. No entanto, a Igreja católica persistiu no uso do latim, além de ter sido a língua da ciência por muito

tempo, mas enquanto língua escrita (Janson, 2015). Em vista disso, fica nítida a dominância do latim internacionalmente, nas condições da época, pois sabe-se que o inglês superou em muitos níveis a dominância que o latim teve. De toda forma, apesar do seu declínio, o latim não desapareceu por completo, pois, além de existirem muitos registros, é a língua oficial do Estado do Vaticano, e dele se originaram outras línguas europeias atuais, como o francês, o espanhol e o português.

O linguista Janson (2015) dedica-se à discussão sobre as interações entre as línguas existentes no mundo, argumentando que elas não são estáveis, o que torna possível que até mesmo o inglês não seja a língua global em tempos futuros. No momento, é difícil pensar em outra língua que possa ocupar seu lugar. Entretanto, sua atenção se volta a demonstrar que as hegemonias das línguas são passíveis de mudança, a longo prazo.

Sendo assim, com base no apontamento do caso da língua latina, os elementos importantes para aquisição de hegemonia por determinada língua são: (1) Estado aliado da língua – uma língua escolhida como oficial; (2) Interesse estatal na disseminação desta língua; (3) Modelo de administração baseado no controle político e econômico. Primeiramente, referente ao primeiro elemento, a exemplo do Império romano, é importante que a língua esteja ligada a uma fonte de poder em nível estatal, para que, além de possuir proteção institucional, também possa ser difundida conforme a expansão desse poder. O segundo elemento, do interesse estatal na disseminação da sua língua, contribui ainda mais para que a língua seja inserida em posições privilegiadas, pois o Estado faz questão que a sua língua ocupe determinada posição em diversos espaços. O terceiro elemento, do modelo de administração baseado no controle político e econômico, traz a necessidade do poder político e econômico na disseminação da língua, uma vez que esses poderes viabilizam o exercício de domínio de uma língua sobre outras línguas locais.

Segundo a teoria do inglês global de David Crystal (2007), linguista britânico especialista em língua inglesa, nenhuma língua tem sucesso sem poder, ou seja, não há como assegurar a prevalência de uma língua sobre outras sem o elemento poder. É preciso um poder econômico, político, militar-tecnológico e/ou cultural como base para a existência e progresso de uma língua, pois esta não existe de forma independente (Crystal, 2007). Isso vai ao encontro do terceiro fator mencionado, modelo baseado no controle político e econômico, e apresenta-se como um complemento, visto que os mecanismos coercitivos e de influência já não são mais os mesmos utilizados pelo Império Romano e pelos colonizadores no período colonial, apoiados principalmente na força.

Antes de tudo, para que o inglês passasse a ser difundido nas colônias, primeiramente, ocorreu a sua consolidação nacional na Inglaterra, ou seja, Estado aliado da língua, a partir do Estado e acontecimentos que transformariam o inglês germânico no inglês moderno. Esses eventos se referem às invasões na Grã-Bretanha pelo Império Romano e, posteriormente, pelos povos germânicos – anglos e saxões. De início, os romanos não foram capazes de substituir as línguas locais da Grã-Bretanha pelo latim. No entanto, o latim teve um papel muito importante na formação do inglês que conhecemos hoje. Isso porque o inglês, que teve sua origem pelos povos germânicos – localizados no que hoje é a Alemanha, os Países Baixos e o sul da Escandinávia – era escrito através de runas, até que o alfabeto do latim foi adotado, facilitando a escrita de textos mais extensos (Janson, 2015).

O caminho para a unificação de um inglês padrão na Inglaterra foi longo, e a língua passou por muitas mudanças e influências linguísticas em razão das diversas invasões, inclusive de normandos de língua francesa, período que foi chamado de Conquista Normanda da Inglaterra (Janson, 2015). Em consequência dessa invasão, o francês se tornou a língua da classe dominante, ocupando os cargos mais altos, enquanto os falantes de inglês, que antes ocupavam estes cargos, foram expulsos e/ou mortos, permanecendo os falantes de inglês de camadas mais baixas (Janson, 2015). No entanto, antes da invasão normanda por volta de 1066, o inglês antigo tinha conseguido alcançar o patamar de escrita padrão no ano 1000, e o principal responsável por isso foi o rei Alfredo de Wessex, um saxão que traduziu muitos textos do latim para o inglês e incentivou outros a fazerem o mesmo, além de ter criado uma língua literária padrão para o país que ganhou forças conforme o seu reino se expandia pela Inglaterra (Janson, 2015). Como resultado, alguns séculos depois, o inglês foi difundido como língua literária, tornou-se língua do exército, dos tribunais de justiça, e, gradativamente, substituiu o francês nas escolas.

A língua inglesa passou por uma rápida transformação e perdeu-se o padrão comum de antes do período da conquista normanda. O inglês antigo passou para uma língua constituída de um vocabulário influenciado em sua maioria pelo francês, latim ou grego, com apenas uma estrutura básica germânica (Janson, 2015). Após o século XIV, o Estado inglês encaminha-se em direção a uma língua aliada, até que, finalmente, escolhe a língua inglesa falada em Londres, capital da Inglaterra atualmente, para ser a língua oficial.

Até esse momento, em que se torna a língua oficial da Inglaterra, o inglês ainda não tinha muita vantagem em competição com o francês ou o latim, pois encontrava-se mais na Grã-Bretanha. Lembrando que o latim lentamente foi caindo em desuso, e o francês, pelos próximos séculos, ocupou uma posição dominante, fazendo com que fosse considerado a língua da diplomacia entre o século XIX e o início do século XX (Janson, 2015). Nesse sentido, apenas

a partir de um Estado aliado do inglês (padrão londrino) e seu poder colonial consolidado, a Inglaterra povoou, dominou e difundiu a língua para suas colônias em muitos continentes, como a Índia (Ásia), a Austrália (Oceania), a Serra Leoa (África)¹, e o que viria a ser a nova potência após o fim do imperialismo inglês, os Estados Unidos da América (América).

Assim sendo, o colonialismo foi um modelo de controle de territórios, que se baseava não somente no controle político e econômico pela Metrópole, permitindo a imposição de políticas e a exploração econômica do território. Para além disso, ocorreu também o controle das mentes dos indivíduos colonizados, uma área de dominação essencial para que as demais fossem bem-sucedidas. Quem defende que sem o controle mental não seria possível um controle político e econômico tão eficiente, é o autor pós-colonial queniano Ngugi Wa Thiong'o (1986). Em um de seus trabalhos, "*Decolonizing the Mind*", relata suas próprias experiências no sistema colonial britânico no seu país Quênia, que implantou na mente dos nativos a representação de mundo segundo os europeus ingleses. Até os dias atuais, as mentes dos que foram colonizados refletem pensamentos coloniais e, justamente por isso, dedica-se a descolonizar a mente.

Nesse sentido, houve o esforço, por parte da Inglaterra e outros países europeus colonizadores, de imporem suas culturas em detrimento das culturas locais, como sendo sinônimo de "civilização" e "superioridade". Isto é, o inglês se apresentava como uma língua superior e língua da civilização, enquanto era pregado que as línguas locais e outros componentes da identidade cultural dos povos dominados eram inferiores e motivo de vergonha, e que, portanto, deveriam abandoná-los se quisessem ser tratados como civilizados e não selvagens.

Novamente, percebe-se a relação entre língua e poder, pois sem o poder colonial da Inglaterra, dificilmente seria bem-sucedida a imposição do inglês. Além do mais, segundo Fanon (1967) *apud* Nieto (2007, p. 232), "o colonizado é elevado acima do seu *status* de selvagem em proporção a sua adoção dos padrões culturais da pátria-mãe (tradução nossa)". Sendo assim, sua importância na sociedade é determinada conforme se aproxima do modo de vida do colonizador, o que inclui o domínio da língua inglesa, nesse caso.

Portanto, há uma forte correlação entre a colonização e a difusão da língua inglesa. Em vista disso, a colonização em colônias britânicas, como as mencionadas anteriormente, contribuiu de diferentes maneiras para a dominância da língua inglesa, como: fundação de

¹ Muitos países africanos foram colonizados pela Inglaterra, além de Serra Leoa, e, hoje, adotam o inglês como a única ou uma das línguas oficiais, como: África do Sul, Zimbábue, Nigéria, Libéria, Gâmbia, Gana, Camarões, Zâmbia, Namíbia, Uganda, Botsuana, Ilhas Maurício, Malawi, Quênia, Ruanda, Seicheles, Suazilândia, Sudão, Sudão do Sul, Tanzânia e Lesoto.

escolas coloniais, impondo um novo sistema educacional centrado no inglês; aplicação de punições nas escolas pelo uso de línguas que não fossem o inglês; exclusão da participação política e dos processos de *policy-making*; entre outras ações que auxiliaram na imposição do inglês nas colônias, que até hoje é a língua oficial em alguns países ex-colônias da Inglaterra.

O primeiro aspecto da colonização, referente à fundação de escolas coloniais, tem sua motivação primária nas missões de evangelização (Malisa; Missedja, 2019). Inicialmente, missionários provenientes da Inglaterra ficaram responsáveis pela educação nas colônias, com o objetivo de difundir o cristianismo, baseando-se na crença de “salvar as almas” dos nativos. Como as missões foram os primeiros contatos com outros povos, os missionários se empenharam na tradução de textos bíblicos para as línguas locais, o que, na verdade, contribuiu para que certas línguas locais deixassem de ser somente línguas orais, principalmente em países africanos (Janson, 2015). Assim, as escolas coloniais de missionários alfabetizavam para o ensino de textos bíblicos e a conversão dos nativos ao cristianismo. No entanto, outras entidades também compunham a educação colonial, como comerciantes e representantes do governo britânico (Malisa; Missedja, 2019). Nessa toada, os comerciantes estavam interessados na educação de colonizados para auxiliarem nos negócios internacionais, favorecendo os interesses dos colonizadores. Já membros do governo britânico se empenhavam por uma educação colonial baseada na cultura britânica e para transformar os indivíduos colonizados em anglófilos (Malisa; Missedja, 2019). A educação formal das colônias britânicas era em inglês, assim como todos os livros de ensino, e disciplinas como história e geografia eram lecionadas impondo uma percepção euro-centrada (Wa Thiong’o, 1986).

Dessa maneira, a educação nas colônias britânicas funcionava para reforçar a inferioridade da cultura dos colonizados frente aos europeus britânicos. Embora cada entidade tivesse propósitos diferentes com a educação colonial, algo que tinham em comum era a subordinação dos colonizados, sempre abaixo dos europeus. Inclusive, essa subordinação também era pautada no fator racial, havendo segregação racial nas escolas, ou seja, escolas para negros e escolas para brancos europeus (Malisa; Missedja, 2019).

Outro aspecto da colonização inglesa que reforçava a dominância do inglês, era a aplicação de punições aos alunos que falassem suas línguas maternas na escola. Os alunos eram ensinados que saber o inglês era motivo de orgulho, pela concepção britânica de sua superioridade. Assim, saber falar o inglês significava ser mais respeitado e teriam maiores vantagens, caso deixassem de lado sua língua materna e adotassem o inglês como língua principal. A exemplo dessas punições, Wa Thiong’o (1986) relata que a experiência mais humilhante, na escola colonial no Quênia que passou a frequentar, quando as escolas nacionais

já tinham sido tomadas pelo regime colonial, era ser pego falando *Gikuyu*, sua língua materna. Isso terminava em punição, que poderia ser a provocação do sentimento de vergonha e/ou punição física. Segundo o autor, o aluno pego falando qualquer língua que não fosse o inglês, no Quênia, recebia três a cinco pancadas nas nádegas e era obrigado a usar um prato pendurado no pescoço que dizia: “Eu sou estúpido” e “Eu sou um burro” (Wa Thiong’o, 1986, p. 386). A reação era totalmente diferente se você mostrasse desempenho na língua inglesa. Além disso, para avançar de nível escolar, os alunos eram avaliados mais segundo a língua inglesa do que outras disciplinas, pois era possível passar em melhores instituições de ensino com mal desempenho nas disciplinas, desde que esse não fosse o caso com o inglês (Wa Thiong’o, 1986).

Um fator que fomentou a manutenção dos castigos aos alunos em escolas de colônias britânicas, foi a presença de professores vindos da Grã-Bretanha, e, inclusive, dos Estados Unidos (Malisa; Missedja, 2019). Todos treinados e empenhados para a perpetuação de práticas que reforçavam a inferioridade do local. Já na academia, o currículo acadêmico seguia o mesmo padrão das escolas do colonizador. Isto é, o inglês como língua de instrução e como requisito principal nos exames, e as disciplinas continuavam a trazer a representação de mundo europeia. Isso pela colonização trabalhar em função de dominar cada aspecto da vida do colonizado, a fim de desconstruir sua identidade e moldá-la à sua maneira (Nieto, 2007).

Referente ao terceiro mecanismo colonial de imposição do inglês, da exclusão política, a língua pode ser uma ferramenta que visa fortalecer a democracia ou limitar a participação política em uma sociedade. Desse modo, a língua pode incentivar a participação política dos indivíduos de uma determinada sociedade, ou ela pode privar os indivíduos de participar de discussões e decisões que afetam diretamente a sua vida (Nieto, 2007). Assim como nos territórios dominados pelo Império Romano, onde o latim foi estabelecido como a língua da política, nas colônias britânicas acontecia o mesmo. Isso porque o inglês se tornou a língua da comunicação na política, inevitavelmente impondo que as pessoas nativas tivessem domínio da língua para compreender os ingleses colonizadores e suas intenções para aquele local. Sendo assim, os colonizados tiveram suas vozes silenciadas.

Em vista de todas essas ações, voltadas para a opressão da cultura dos povos colonizados no Sul global, a partir desse capítulo, entende-se que a difusão do inglês ocorreu durante o período colonial muito mais pela via da força, uma influência em que se consegue identificar mais facilmente os responsáveis. Primeiramente, foi necessário o poder bélico do Império inglês para tomar controle das áreas importantes das sociedades do Sul global. Após isso, os povos que habitam, por exemplo, o que hoje é a Serra Leoa, o Quênia e a Nigéria, perderam o controle

sobre seus territórios, seus próprios corpos e mentes. Suas línguas maternas, que são intrínsecas as suas identidades culturais, foram oprimidas e ameaçadas.

Em seguida do triunfo do Império inglês, a “passagem de bastão” da liderança da Inglaterra para os Estados Unidos marca o fim do imperialismo inglês e o início de um novo imperialismo no século XX, com a ascensão dos Estados Unidos enquanto grande potência militar-tecnológica, política, econômica e, eventualmente, cultural. A junção desses polos de poder dos Estados Unidos o tornara um excelente porta-voz do inglês e a língua foi difundida de uma maneira muito mais rápida, transformando a maneira como as nações interagem. Assim sendo, a próxima seção irá abordar o nascimento do novo *hegemon* que irá catapultar a língua como língua hegemônica.

2. O NOVO HEGEMON: OS ESTADOS UNIDOS E A DIFUSÃO DO INGLÊS

Além de um Estado aliado da língua e um modelo de administração baseado no controle político e econômico, ou outras fontes de poder, outro fator que contribui para o sucesso de uma língua, como visto anteriormente, é que o Estado esteja interessado na sua disseminação, ou então na prevalência da sua língua em detrimento de outras línguas. Isso é visível no discurso de John Adams² nos Estados Unidos, em 1780, mencionado por David Crystal (2007), como parte de sua proposta no Congresso por uma Academia Americana, assim como existe na França a Academia Francesa:

O inglês está destinado a ser nos próximos séculos a língua do mundo de forma mais abrangente do que o latim foi ou o francês é na era atual. A razão disto é óbvia, porque o aumento da população nos Estados Unidos, e sua conexão e correspondência universal com todas as nações, com o auxílio da influência da Inglaterra no mundo, seja ela grande ou pequena, forçarão a sua língua ao uso geral, apesar de todos os obstáculos que possam ser lançados no seu caminho, se é que deveria haver (Crystal, 2007, p.74, tradução nossa)³.

A partir da colocação de John Adams, percebe-se o reconhecimento e a contribuição que a Inglaterra teve, previamente, e que ainda tem na difusão do inglês. Primeiramente, porque, mesmo após as independências das suas colônias, o inglês continuou a apresentar um papel

² John Adams (1735-1826) foi o segundo presidente dos Estados Unidos da América e teve um importante papel na independência do país da Grã-Bretanha. Era diplomata, advogado, estadista e foi arquiteto da Constituição dos Estados Unidos, usando de sua influência como delegado de Massachusetts para convencer o Congresso a declarar a independência.

³ Versão original em inglês: *‘English is destined to be in the next and succeeding centuries more generally the language of the world than Latin was in the last or French is in the present age. The reason of this is obvious, because the increasing population in America, and their universal connection and correspondence with all nations will, aided by the influence of England in the world, whether great or small, force their language into general use, in spite of all the obstacles that may be thrown in their way, if any such there should be’.*

fundamental nas sociedades recém independentes, ao ser aderido como língua oficial de países africanos como, por exemplo, Nigéria, Namíbia, Zâmbia, Zimbabuê, Botswana, Quênia, Tanzânia, Uganda, Lesoto, Serra Leoa e, na Ásia, pode-se destacar a Índia. No caso particular da Nigéria, por exemplo, existiam cerca de 500 línguas e, embora a descolonização fosse um movimento de rejeição de qualquer relação colonial que existia, ainda era mais viável continuar se utilizando da língua inglesa, pelos conflitos que poderiam emergir do favorecimento de uma língua nativa frente as outras (Crystal, 2007). Além da configuração linguística no período pós-colonial, existe outro esforço recorrente por parte da Inglaterra para a difusão do inglês: o fornecimento de professores nativos e materiais didáticos para aprendizado do inglês, e colaboração para o IELTS, teste que comprova a proficiência na língua inglesa (Janson, 2015). Sendo assim, os feitos iniciais da Grã-Bretanha e a projeção de poder dos Estados Unidos em diversos âmbitos, tendo a língua inglesa como sua aliada nessa empreitada, levam a sua difusão em nível global.

Mesmo antes do colapso do Império inglês após a Segunda Guerra, os Estados Unidos já se apresentavam como um poder emergente, que Aimé Césaire acreditava serem os novos bárbaros de uma nova era do imperialismo. No seu trabalho sobre o colonialismo, Césaire (2000) traz um alerta para que os povos sob o sistema colonial tivessem cuidado para não se deixarem levar pelo discurso dos Estados Unidos de serem libertadores das colônias. Isso porque os Estados Unidos eram um novo poder imperial, se autopromovendo em cima do apoio ao anticolonialismo. Ao mesmo tempo em que estipularam que seus valores eram os de liberdade e democracia, o autor destaca o racismo da nação, a partir da segregação racial no próprio país. Além disso, demonstra compreender o desespero das colônias para se livrarem dos colonizadores europeus, após tanto tempo de exploração. Em consequência disso, se voltaram para os Estados Unidos, uma grande potência econômica e política, que prometia ajuda às colônias para libertação e desenvolvimento. No entanto, Césaire (2000, p. 77, tradução nossa) argumenta “ ‘que dádiva divina’, vocês pensam. ‘As escavadeiras! Os investimentos massivos de capital! As rodovias! Os portos!’[...] então, mais uma vez, sejam cautelosos!”.

Em vista disso, os Estados Unidos se dedicaram à sua autopromoção, principalmente em questões políticas, econômicas e culturais. Conforme tornavam-se uma superpotência, o inglês também foi sendo promovido. Sendo assim, para que o inglês prosperasse rapidamente, três principais eixos de poder dos Estados Unidos cooperaram, segundo David Crystal (2007). O primeiro deles é o poder político, o segundo o poder econômico, e o terceiro o poder tecnológico. Isso significa que o modelo de administração das suas zonas de influência em favorecimento do inglês foi baseado nesses três eixos. Em seguida, esses eixos de poder

serviram de ferramenta para a consolidação do poder cultural dos Estados Unidos, que foi muito importante para que os holofotes se voltassem para o país e despertasse interesse em nível global por sua cultura, incluindo sua língua.

A princípio, no eixo de poder político, os Estados Unidos foram consolidando sua dominância política durante e após saírem vitoriosos da Segunda Guerra (1939 – 1945), pelo seu poder de barganha significativo com a Europa recém-saída da guerra. Em decorrência da assistência econômica estadunidense para reconstrução da Europa, com o Plano Marshall, e a presença de tropas norte-americanas na Europa, a língua inglesa exerceu dominância (Janson, 2015, p. 248). Nesse contexto de fim da guerra, os Estados Unidos obtiveram uma posição de liderança no planejamento e na criação de organizações internacionais, como as instituições financeiras de Bretton Woods, inicialmente voltadas para o continente europeu: FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial. Além dessas instituições, o inglês se tornou a língua oficial da Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em seguida, em 1945, sendo que atualmente outras línguas também são consideradas oficiais pela instituição. Consequentemente, pela influência política da superpotência em nível global, o inglês se impunha como a língua central das discussões em organizações internacionais que os Estados Unidos estavam envolvidos. Eventualmente, o inglês foi se fortalecendo e, atualmente, tornou-se a língua principal para comunicação na maioria dos organismos internacionais em que os membros nem sequer são nativos da língua inglesa, como a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), que, devido à diversidade linguística entre seus membros, utiliza o inglês como língua oficial nas discussões do bloco (Crystal, 2007).

No eixo do poder econômico, não há dúvidas de que o crescimento econômico e a concentração de riqueza dos Estados Unidos contribuíram para a sua grande influência política. Os Estados Unidos desenvolveram fortemente suas indústrias nacionais, tornando-as muito atrativas no comércio internacional, como por exemplo, o setor de telecomunicações e de aviação (Janson, 2015). Assim, os Estados Unidos se tornaram a maior economia capitalista do século XX e mantiveram essa posição até os dias atuais, mas não sem potenciais competidores. As empresas estadunidenses foram passando pelo processo de internacionalização, com forte investimento em propaganda, visto que grande parte das empresas multinacionais mais conhecidas são estadunidenses, como por exemplo a Apple, a Nike, o Mc Donald's e a Coca-Cola, entre muitas outras empresas. A partir da popularização de suas empresas nacionais de diferentes ramos e o sucesso da estratégia de internacionalização, o uso do inglês passou a ser muito mais recorrente em nível global. Isso acontece porque a expansão das empresas multinacionais promove a comunicação em inglês entre a matriz e suas franquias em diversos

locais do mundo, entre as próprias franquias, ou ainda entre as franquias e seus clientes. Desse modo, o inglês é a língua essencial para cargos em empresas multinacionais que tenham qualquer tipo de contato com o internacional.

A capacidade financeira dos Estados Unidos, de promoção de investimento estrangeiro, foi um outro fator responsável pela difusão do inglês. Tanto a Inglaterra quanto os Estados Unidos tiveram um rápido crescimento de seus sistemas bancários internacionais no século XIX, ou seja, da capacidade de investimento, não somente em países europeus, mas também em outros locais do mundo (Crystal, 2007). Em razão do interesse dos países, principalmente de países periféricos, em ter acesso a investimento, um dos condicionamentos para atrair esse capital era a concessão linguística, renunciar à língua nativa para negociar na língua do potencial investidor.

Outro exemplo de como o poder econômico promove a língua, tem-se a China e o mandarim. “O crescente poder econômico da China, e o seu crescente impacto em nível mundial, tem o potencial de aumentar a proeminência do mandarim, especialmente na Ásia e em outros locais onde o investimento chinês é substancial” (Zeng; Yang, 2024, p. 4, tradução nossa). O caso chinês é interessante para demonstrar que, segundo o conceito de língua poderosa de Janson (2015), infere-se que a língua não é classificada como poderosa em nível global somente pelo número de falantes. Isso acontece porque há de analisar seu nível de institucionalidade e o número de falantes não nativos, já que a língua ocupa espaço de poder a partir do momento em que tem um número de falantes relativamente dominante e significativo grau de importância que lhe é conferida pela institucionalidade. Caso contrário, o mandarim na China já seria uma língua hegemônica devido à população de mais de 1 bilhão de pessoas. Já no território nacional, o mandarim pode ser considerado a língua mais poderosa, em comparação com as outras línguas locais. Isso porque o mandarim é a língua oficial do país, da capital Pequim, ou seja, é uma língua institucionalizada, e é a língua com mais falantes. Entretanto, o rápido crescimento econômico e investimentos estrangeiros da China a tornaram um ator relevante em nível internacional, o que tem promovido o mandarim nos últimos tempos para regiões de não nativos em mandarim.

Além dessa última demonstração de como o poder econômico permite a difusão de uma língua, é válido destacar que os Estados Unidos, enquanto potência econômica e política, puderam influenciar o padrão das negociações internacionais, um padrão que favorece o inglês. A partir disso, vê-se que a língua se faz presente como língua comum em negociações, quase que regra, quando uma das partes é nativa do inglês e, ocasionalmente, quando nenhuma das partes é nativa do inglês e não falam a língua uma da outra. Além disso, essa padronização do

comércio também contribuiu para que os contratos internacionais fossem redigidos, em sua grande maioria, em inglês, e fossem popularizados termos em inglês no comércio internacional, como os *Incoterms*⁴, um conjunto de siglas para uniformizar o comércio que expressam as responsabilidades dos exportadores e importadores.

Atualmente, entretanto, por meio das novas tecnologias de tradução, a partir da inteligência artificial, tem sido cada vez mais viável a comunicação entre nações, sem necessidade de aprender o inglês, reduzindo a dependência do inglês enquanto língua universalmente aceita (Zeng; Yang, 2024, p. 4). Porém, o inglês ainda tem um papel central no contato entre diferentes países.

Por fim, o eixo do poder tecnológico dos Estados Unidos é um componente indispensável para entender a hegemonia atual do inglês. A revolução tecnológica, que teve como um dos protagonistas os Estados Unidos, gerou mudanças significativas nos meios de comunicação. Consequentemente, nos meios de difusão do idioma. Enquanto os mecanismos de disseminação do inglês pelo Império Britânico foram mais rudimentares e mais lentos, desse progresso tecnológico tivemos novas possibilidades de disseminação, como a rádio, a televisão, o computador, a Internet, o cinema com som posteriormente, entre diversas outras tecnologias que permitiram uma explosão significativa do inglês. Novamente, pode-se notar que o poder econômico dos Estados Unidos foi crucial, tendo em vista os investimentos significativos despendidos na área da tecnologia, como por exemplo, o investimento em satélites para transmissão de canais de televisão. Inicialmente, em meados do século XX, a televisão restringiu-se aos Estados Unidos e à Europa, onde os canais estadunidenses de notícias, música e filmes dominavam as telas, como CNN, MTV e Cartoon Network (Graddol, 2005). Algo que promoveu o inglês na época, a partir da indústria da televisão e cinema, foi o fato de a dublagem ser pouco comum. Assim, em alguns países não anglófonos, os programas eram passados no idioma original em que foram feitos, no caso inglês, e com legendas no idioma local (Graddol, 2005).

Em 1936, ocorreu o primeiro serviço de TV aberta pela BBC em Londres, enquanto nos Estados Unidos, a *National Broadcasting Company* pôde fornecer esse serviço, pela primeira vez, em 1939 (Crystal, 2007). Em 1995, já havia mais de 1500 emissoras de televisão nos Estados Unidos, e outros países tardaram a adentrar esse ramo (Crystal, 2007). Diferente da rádio e televisão, que tiveram liderança dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, o cinema também teve contribuição inicial da França. No entanto, as guerras na Europa contribuíram para

⁴ Alguns exemplos de *Incoterms* são: FOB (*Free on Board*); FAS (*Free Alongside Ship*); CFR (*Cost and Freight*); CIF (*Cost Insurance and Freight*), entre outros.

que os Estados Unidos saíssem na frente na indústria do cinema, com o estúdio de Hollywood (Crystal, 2007). A dominância do inglês no ramo do cinema se reflete na prevalência de nomeações ao Oscar e ao Festival de Cannes de produções originalmente produzidas em inglês. Para além dos programas de televisão, filmes e séries, a indústria da música foi outro mecanismo de difusão do inglês. Na Inglaterra, os Beatles fizeram muito sucesso, e Elvis Presley nos Estados Unidos. Atualmente, a música é a forma mais comum de não nativos terem contato com o inglês (Crystal, 2007).

Nesse sentido, diversas tecnologias foram surgindo por intermédio de alguns países, principalmente os Estados Unidos. Haja vista que não existiam termos próprios em outras línguas para tantas terminologias novas, as demais línguas realizaram empréstimos lexicais do inglês. Os empréstimos lexicais do inglês ou até mesmo frases inteiras, inclusive de palavras já existentes em outras línguas, passaram a ser popularizadas no vocabulário de diferentes línguas. Como, por exemplo, o português no Brasil. O empréstimo de palavras do inglês, como “*date*”, “*home office*” e “*fitness*”, é muito utilizado no Brasil, não somente no ramo empresarial, mas também socialmente. Muitas não possuem uma versão traduzida para o português ou opta-se pela palavra em inglês, pelo contato frequente com a língua.

Assim como o inglês na Grã-Bretanha passou por influências do francês, após a Conquista Normanda, é de se esperar que a exposição constante ao inglês global interfira no vocabulário de outras línguas. Crystal (2007) aborda a questão dos empréstimos lexicais pela perspectiva das variações que começaram a surgir do inglês quando em contato com as línguas locais de outros países, chamando de “*new Englishes*”. Porém, da perspectiva das línguas locais, também ocorrem empréstimos de palavras do inglês quando em contato com a língua, e o autor ainda observa que a quantidade de empréstimos irá depender do *status* da língua. Nesse caso, o inglês é uma língua de alto *status*, ou seja, uma língua de poder, respeitada. A consequência desse fenômeno em excesso, é o risco de deixar de expressar a identidade cultural, que está ligada à língua materna.

Sendo assim, a máquina cultural dos Estados Unidos, alimentada pelos novos meios de comunicação em constante inovação, tem uma influência intensa e contribui para a sua promoção em nível internacional em vários aspectos, quais seja, seus valores políticos e econômicos, seu potencial militar, sua língua, seus hábitos de consumo e estilo de vida, entre outros de interesse nacional.

Os eixos de poder dos Estados Unidos apresentados, somados contribuíram para o sucesso do inglês em nível global que é facilmente visível no aumento exponencial do número de falantes de inglês não nativos, uma vez que este passou a ser a língua mais aprendida como

segunda ou terceira língua, após a língua materna dos indivíduos. Dito isso, é possível inferir que os Estados Unidos, na jornada para se tornar o *hegemon*, acabaram por tornar o inglês a língua hegemônica.

Dessa maneira, a partir da análise da trajetória dos Estados Unidos, pode-se confirmar os elementos que levam uma língua ao *status* hegemônico, seja essa hegemonia local ou internacional, mas principalmente em nível internacional nessa discussão. Primeiramente, os Estados Unidos não apenas demonstraram interesse na dominância da sua língua, que é um dos fatores, como também uniram esforços em torno de sua autopromoção enquanto superioridade bélica, tecnológica, política e cultural, consequentemente, a transmissão da superioridade da sua língua. Nesse sentido, outro fator que se faz presente é o uso de poder. O caso dos Estados Unidos é um de grande sucesso em razão de possuir outras fontes de poder além da política e econômica, que favorecem a difusão do inglês. A ausência de poder cultural, por exemplo, da China, faz com que não exista tanto interesse mundial pelo mandarim. Todavia, a conquista de poder econômico pela China pôde mudar o cenário do mandarim em nível internacional, o que diz muito sobre a relação entre língua e poder.

Apesar de ser o pontapé inicial do caminho da língua para a hegemonia, por último tem-se o fator que diz respeito ao Estado aliado de uma língua. Após debates nos anos 1990, sobre a necessidade de tornar o inglês a língua oficial ou não dos Estados Unidos, a ocasião em que o inglês se torna a língua aliada do Estado é quando a oficializam de fato, o que ocorreu em função da necessidade de reafirmar a língua frente à presença massiva de imigrantes e diversidade (Crystal, 2007). A partir dessa decisão, os Estados Unidos se tornam oficialmente porta-voz da língua inglesa, e sua difusão ocorreu na velocidade da projeção de poder bem-sucedida do país.

Nesse contexto, em seguida, será analisado com maior propriedade como ocorrem os efeitos da hegemonia do inglês no Sul global na prática, partindo do contexto de Serra Leoa, um país que tem suas particularidades, mas ao mesmo tempo possui vivências compartilhadas com os demais países do Sul global que sofreram com o sistema colonial e sentem os efeitos do inglês global, posição carregada pelos Estados Unidos.

3. SERRA LEOA: OS EFEITOS DO INGLÊS SOBRE UM PAÍS MULTILÍNGUE

ser observados esses efeitos mencionados, que foram causados pelo processo de colonização e/ou pela posição do inglês enquanto língua global.

As abordagens mais recorrentes de Serra Leoa costumam mencionar a guerra civil (1991-2002)⁵ e a riqueza de diamantes do país. De fato, é importante considerar o seu passado de guerra civil, a fim de entender melhor os dados que serão apresentados, já que a guerra trouxe pioras para os índices socioeconômicos. Por exemplo, o agravamento da pobreza e a destruição da infraestrutura do sistema educacional, ou seja, do ambiente escolar e da qualidade de ensino (The World Bank, 2007). Segundo a *Statistics Sierra Leone*, 70% da população se encontrava abaixo da linha de pobreza total e 26% abaixo da linha de pobreza extrema, nos anos 2003/04 (The World Bank, 2007).

Em consequência do acesso à educação limitado às elites, o nível de analfabetismo foi comprometido. Isso se refletiu na situação linguística de Serra Leoa, uma vez que a vulnerabilidade do sistema educacional e o predomínio de falantes de línguas locais dificultaram o aprendizado da língua oficial do país nas escolas. Assim, em 2004, apenas 5,68% da população era considerada alfabetizada no inglês (Translators Without Borders, s.d.). Sendo assim, apesar da relevância da guerra civil, seu papel é fornecer explicações para alguns elementos do país, já que o presente trabalho se propõe a abordar a Serra Leoa com enfoque em seu aspecto linguístico.

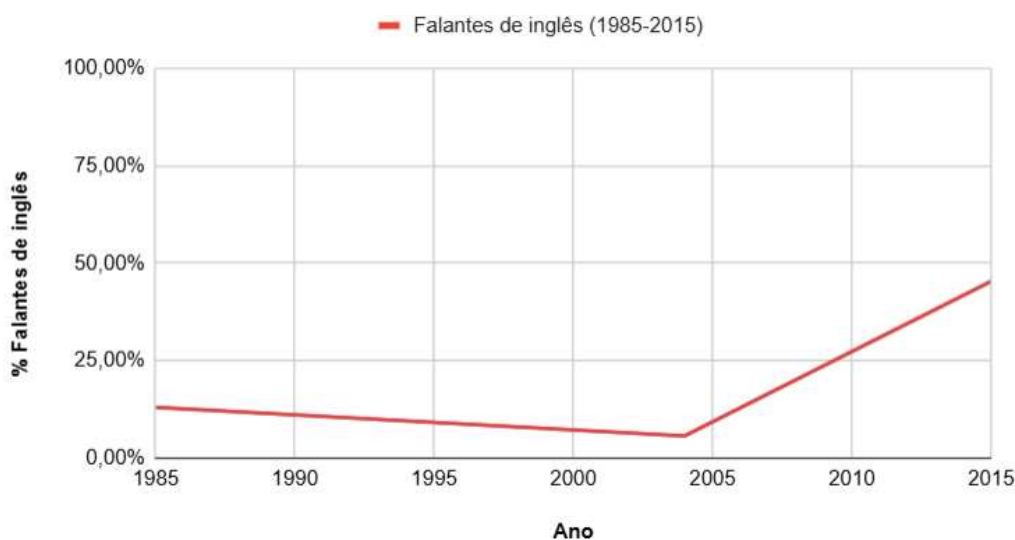
Portanto, embora o inglês seja a única língua oficial, devido à colonização britânica, o país possui 18 línguas nativas, dentre as mais dominantes estão o *limba*, *krio*, *mende* e *temne* (Bangura, 2015). Porém, mesmo que o inglês tenha se tornado o idioma oficial do país, percebe-se que não é a língua falada pela maioria da população. No gráfico abaixo, que analisa o período de 1985 a 2015, é possível observar que os falantes de inglês são minorias, apesar do aumento nos últimos anos.

A priori, é válido pontuar a dificuldade do presente trabalho de acesso a dados quantitativos, devido aos períodos longos entre cada censo realizado pelo país e, principalmente, ao período da guerra civil. Consequentemente, não há dados estatísticos sobre os falantes das línguas do país, inclusive o inglês, durante o período 1991-2002. No entanto, além desses fatores, foi selecionado o período de 1985 a 2015 na tentativa de destacar essa estrutura centrada no inglês que impacta a população de Serra Leoa e analisar os possíveis

⁵ A guerra civil na Serra Leoa teve início na tentativa de derrubada do governo pela Frente Revolucionária Unida (FRU), liderada por Foday Sankoh. O grupo manteve sua atuação utilizando-se do diamante do país como forma de adquirir armamentos da Libéria. A guerra resultou em mais de 50 mil mortos e recebeu uma missão de paz das Nações Unidas, a UNAMSIL.

avanços do país referente a essa problemática, desde o período mais próximo da independência (1961)⁶ que se tem acesso até os dias atuais.

Gráfico 1: Número de falantes de inglês na Serra Leoa (1985-2015)



Fonte: Elaboração própria

No gráfico, observa-se que uma parcela muito pequena da população falava inglês em 1985, menos de um quarto da população. Segundo o relatório *1985 Population and Housing Census Sierra Leone*, apenas 13% da população falava inglês nesse ano. As explicações principais desse resultado dadas pela *Central Statistics Office*, responsável pelo relatório, são (i) falta de acesso às escolas, visto que 80% viviam em áreas rurais, enquanto as escolas estavam localizadas em áreas urbanas, e (ii) o fato de o inglês ser o único meio de instrução nas escolas, sendo que a maioria falava diferentes línguas étnicas. De acordo com o World Bank Group (2024), a população do país em 1985 era de, aproximadamente, 3.749.419 milhões. A partir disso, é possível notar que o número de falantes de inglês era pouco relevante para uma língua considerada oficial pelo Estado. Importante frisar que, para ser falante de inglês, estão sendo consideradas aquelas pessoas que sabem ler e escrever na língua, ou seja, são alfabetizadas. Isso inclui pessoas que aprenderam o inglês como língua materna (primária) ou como segunda língua.

Em seguida, no ano de 2004, a porcentagem do número de falantes de inglês cai ainda mais, passando para 5,68% da população (Translators Without Borders, s.d.). Quando levado em consideração o número aproximado de habitantes, que passou de 3.749.419 para 5.533.329

⁶ O ideal seria analisar a partir da independência do país, a fim de ver o impacto da decisão pelo inglês ao longo dos anos. Por falta de informações, isso não foi possível.

milhões de habitantes, entre 1985 e 2004, infere-se que o aumento da população não foi acompanhado de aumento do número de falantes de inglês. Isso poderia significar que, nesse período de aumento da taxa de natalidade, as línguas nativas ainda eram muito mais dominantes como língua materna, passadas de pais para filhos. Sem contar que as mortes causadas na guerra civil podem ter sido um fator para a redução do número de falantes das línguas nativas, inclusive o inglês.

Ainda, no censo de 2004, considerando apenas as línguas locais mais dominantes e o inglês, o inglês era falado por 0.1% da população como primeira língua e 5.58% como segunda língua (Translators Without Borders, s.d.). Enquanto isso, a porcentagem da população falante das línguas nativas como o limba, temne, mende e krio, como primeira língua e segunda língua eram, respectivamente: 6.56% e 1,29% (limba), 30.05% e 5.87% (temne), 32.21% e 4.14% (mende), e 9.79% e 77.26% (krio) (Translators Without Borders, s.d.). A princípio, os números que mais chamam atenção são do inglês e do krio, uma vez que mostram que o inglês é o idioma menos falado dentre os mais dominantes e o krio é o mais falado. Sobre o krio, é uma língua crioula⁷ considerada língua franca no país, amplamente aceita e falada como veículo de comunicação interétnico dominante (Oyètádé; Luke, 2008). Assim, a maior parcela da população o adota como segunda língua, e tem número maior de falantes como primeira língua do que algumas das línguas mais dominantes, apesar de ser menos expressivo.

Já no ano de 2015, o aumento da população foi significativo somando cerca de 7.314.773 milhões de habitantes (World Bank Group, 2024). Nesse ano, porém, também houve aumento do número de falantes de inglês para quase metade da população. Segundo o relatório de 2015, *Population and Housing Census*, confeccionado pela *Statistics Sierra Leone*, os falantes de inglês passaram a compor 45,3% da população. Algumas razões para esse crescimento estão relacionadas às políticas reformistas que contribuíram para o acesso à educação no país e à educação de melhor qualidade. Ademais, como será apresentado posteriormente, existe um outro fator que pode ter sido essencial para esse avanço, sendo ele a preferência de pais, em posição de privilégio, pelo ensino do inglês como primeira língua dos seus filhos, ligada à crescente importância do inglês globalmente e as vantagens da língua. Nesse sentido, serão destacados os principais impactos de se ter o inglês como língua oficial em Serra Leoa, que é um país multilíngue.

⁷ As línguas crioulas, que serão abordadas novamente no trabalho, são complexas pelo seu processo de formação, a sua relação com línguas de colonizadores europeus, como inglês, francês, espanhol e português, e suas particularidades gramaticais. Elas derivam de pidgins, um sistema de comunicação mais rudimentar, que foram formados a partir do contato entre as línguas de povos de várias origens colonizados e escravizados, com a língua do colonizador europeu.

No que diz respeito à relação entre a Serra Leoa e a Europa, o primeiro contato da região com europeus foi a partir do navegante Pedro da Cintra, de Portugal (Oyètádé; Luke, 2008). Posteriormente, durante o século XVII, africanos escravizados foram levados para trabalhar nas plantações nos Estados Unidos, em Georgia e Carolina do Sul (Oyètádé; Luke, 2008). Até que, diante da oposição ao tráfico de escravos pela opinião pública da Grã-Bretanha, iniciou-se, na segunda metade do século XVIII, um fluxo de retorno de africanos libertos à região de Serra Leoa, levando a capital a ser chamada Freetown. Dessa forma, escravos emancipados provenientes de Londres, Estados Unidos (após lutarem ao lado da Inglaterra na guerra pela independência) e Jamaica se estabeleceram na região (Oyètádé; Luke, 2008).

Além disso, o primeiro contato mais assentado da região de Serra Leoa com a Grã-Bretanha, que, eventualmente, levou ao estabelecimento do inglês, ocorreu por intermédio de missionários. As missões eram comuns entre os países europeus imperialistas, suas intenções estavam ligadas ao cristianismo e à missão de catequizar os povos locais, se utilizando de traduções da Bíblia para as línguas locais. Nesse sentido, a fundação da primeira universidade orientada ao Ocidente em toda a África Ocidental, a *Fourah Bay College*, se deu em decorrência da Sociedade Missionária da Igreja da Inglaterra (CMS, sigla em inglês), em 1827 (Fourah Bay College, 2010 *apud* Goff, 2011).

De acordo com a periodização de Goff (2011), a educação missionária consistia na primeira fase da educação na Serra Leoa e foi marcada pela fundação da *Fourah Bay College* (FBC). Em seguida, em 1808, a Inglaterra estabelece a região como sua colônia. Assim, entra-se na segunda fase, a educação colonial, que prevaleceu entre 1876 e 1938 (Goff, 2011). Nesse período, o objetivo da educação era o treinamento de africanos voltado para a administração das colônias e do comércio (Goff, 2011). A terceira fase consistiu na educação de desenvolvimento, de 1938 a 2002. Esse período foi marcado por investimento de outros países na área da educação, como os Estados Unidos, e uma série de comissões da Grã-Bretanha. O acontecimento que precedeu a decisão britânica, foi o país ter recebido a Comissão Phelps-Stokes dos Estados Unidos, em 1921⁸. Entretanto, segundo Goff (2011), o investimento estrangeiro na educação comprometeu a autonomia local, acentuando a dependência financeira estrangeira, e influenciou significativamente a educação.

A independência de Serra Leoa da Inglaterra, em 1961, marcou a continuação do uso do inglês herdado da Inglaterra, como língua oficial do país. A decisão pela manutenção da língua

⁸ A comissão do fundo Phelps-Stokes dos Estados Unidos, foi criada em 1920 para a educação na África e tinha o intuito de unir os africanos da África negra com os afro-americanos. Seu projeto nos países africanos teve inspiração proveniente de grupos missionários na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

do colonizador pós-independência está relacionada à elite Krio formada no país e suas tendências ocidentais, e a ausência de identidade nacional no processo pela independência. Essa elite é um novo grupo identitário constituído dos variados grupos reestabelecidos em Freetown pela Grã-Bretanha, que recebeu condições especiais pela lei britânica no período colonial, como acesso à educação (Oyètádé; Luke, 2008). Assim, certos indivíduos pertencentes à elite se sentiam superiores aos demais grupos étnicos locais e acreditavam na superioridade europeia.

A concepção de superioridade europeia por parte de indivíduos do grupo Krio fez com que esse grupo rejeitasse a legitimidade de sua própria língua, o krio, que, historicamente, sofria mais preconceito por parte de outros grupos étnicos. Em razão de a língua crioula estar ligada ao sentimento de vergonha, como uma língua não genuína, essa elite opta por adotar o inglês:

O fato de os Krios terem sido os primeiros a ter acesso à educação (em inglês) durante a época colonial pode ter tido efeitos negativos na sua própria atitude em relação ao krio, aumentando a intensidade de uma já baixa estima da língua. Quando muitos Krios tiveram acesso à educação, negligenciaram a sua própria língua materna e transmitiram este legado de negação aos seus filhos, preferindo usar o inglês padrão sempre que possível (Oyètádé; Luke, 2008, p. 132, tradução nossa).

Suas concepções acerca do significado da língua crioula e do inglês, combinado com a posição de poder do grupo étnico Krio, contribuiu para que o inglês fosse adotado como a melhor decisão para o país independente. Além disso, o povo de Serra Leoa estava muito separado, ou seja, não houve integração nacional no momento da independência, e o inglês se apresentou como alternativa nessa situação. Nesse sentido, a estrutura linguística atual de Serra Leoa é resultado do que se passou há décadas, quando houve o estabelecimento do inglês na região pela Inglaterra e a decisão da autoridade local pós-independência de manter o inglês como única língua oficial.

Como já visto, ao mesmo tempo em que o inglês é a língua oficial do país desde o século XIX, quando torna-se colônia britânica, não é a língua mais falada pela população de Serra Leoa. Porém, esse não é um cenário exclusivo de Serra Leoa. Outro país africano que pode ser tomado como exemplo é a Namíbia, país ao sul do continente africano que se encontra na mesma situação. Na Namíbia, o inglês foi promovido à única língua oficial do país, a partir da sua independência do regime de apartheid sul-africano em 1990, mesmo considerando que 0.8% da população falava inglês (Chavez, 2016).

Nesse sentido, o inglês foi consolidando seu poder na sociedade de Serra Leoa e adquiriu institucionalidade devido a sua presença em diversas áreas formais do país, como, por exemplo, na educação como a única língua de instrução e pré-requisito nas escolas e universidades. Nas

escolas, é permitido apenas nos primeiros três anos o uso de línguas maternas que prevaleçam na comunidade, principalmente de áreas rurais (Gellman, 2020). Após essa fase, o inglês torna-se a única língua de instrução permitida e requisito para continuar avançando. Já nas universidades, há a preferência pelo inglês para ser aceito. Além disso, o inglês está na mídia e na administração do governo, sendo utilizado pelos servidores públicos, pelo Parlamento, em pronunciamentos do presidente, entre outros locais de formalidade (Kanu, 2008).

Valer lembrar que, em 1993, felizmente, o Ministério da Educação do país decidiu que as línguas nativas mende, temne, limba e krio seriam implementadas no currículo das escolas e no ensino superior, e isso incentivou a produção de mais materiais nas respectivas línguas locais (Kanu, 2008). Entretanto, ainda existe a preferência por parte das universidades por alunos que tenham proficiência em inglês e não conferem tanta importância para o desempenho em idiomas nativos (Kanu, 2008). Sendo assim, ocorre uma competição entre o inglês e as línguas nativas, em que o inglês de maior *status* toma espaço das línguas nativas de menor *status* – menos falantes e menos institucionalizada –, levando ao que se chama de abandono da língua primária menos poderosa para uma com maior *status* na sociedade.

A dominância do inglês coloca as línguas nativas de Serra Leoa em situações desfavoráveis, e a desvantagem do indivíduo aumenta quanto menor o *status* de sua língua materna. Em vista disso, a língua nativa é estigmatizada e ser falante apenas da língua nativa é visto de forma negativa. No meio da sociedade, a estigmatização das línguas nativas é percebida em comentários comuns como “[...] se você é alfabetizado em língua materna, o que você irá comer? Ela te dará um emprego? Você é mesmo considerado alfabetizado?”. Esses comentários foram apontados por Lamin Kargbo (2014), do Instituto para Línguas Serra Leonesas em Freetown (capital de Serra Leoa), como os desafios de promover educação em língua materna para adultos.

De acordo com Kargbo e Jones (2014) *apud* Gellman (2020), a estigmatização ocorre porque são considerados alfabetizados apenas aqueles que recebem educação formal. Inclusive, no relatório de Serra Leoa de 1985, *Population and Housing Census*, foram consideradas alfabetizadas apenas as pessoas que falavam o inglês, baseado no acesso à educação formal que é em inglês. Consequentemente, isso resultou em uma péssima taxa de alfabetização de 13%. Todavia, posteriormente, a *Statistics Sierra Leone* na formulação do relatório de 2004, abandona a ideia de que a alfabetização está ligada somente ao inglês e passou a incluir outras línguas para que os indivíduos sejam alfabetizados, segundo a concepção dos próprios indivíduos. Apesar dessa mudança significativa, que reconhece as demais línguas locais, é

visível nas falas mencionadas que a educação formal em inglês é muito mais respeitada e colocada em um patamar de superioridade.

Sendo assim, o inglês é uma língua de alto *status* na Serra Leoa. Em função disso, as famílias que possuem condições de acesso à educação de qualidade, que não são muitas, optam por ensinar o inglês aos seus filhos como primeira língua. Essa decisão é influenciada pelas inúmeras vantagens que seus filhos conseguem obter desde muito cedo, não apenas porque é a língua dominante no país, mas também no mundo atualmente. Em um trabalho etnográfico realizado a partir de conversas informais com mães serra leonesas em Freetown, ficou evidente “país que expressam o desejo de educar seus filhos em inglês, com o krio como língua pré-definida, e evitar línguas que são minoria tanto na educação quanto em casa” (Gellman, 2020, p. 145, tradução nossa). Esse desejo é atribuído em partes pela vergonha associada à língua nativa e pela busca por mobilidade econômica, a possibilidade de ascensão socioeconômica desses indivíduos por meio da proficiência em inglês (Gellman, 2020).

Todavia, a educação na Serra Leoa apresenta elevado índice de fragilidades, já que, por muito tempo, o acesso à escolarização ficou limitado a uma pequena parcela da população, uma vez que o ensino não era gratuito. Anteriormente, quando apenas a educação primária era gratuita, ainda permaneciam os custos com uniformes e materiais, que os alunos precisavam comprar e muitos não conseguiam (The World Bank, 2007). Em 2018, houve uma iniciativa no país para que fossem eliminadas as taxas de matrícula e de exames nas escolas, até que, em 2023, o projeto de educação gratuita da educação infantil ao ensino médio foi transformado em lei (Sheppard, 2023). Nesse sentido, aqueles que podem, acabam abandonando sua língua primária pelo inglês e fazem o mesmo para com seus filhos, ensinando o inglês, pois tem conhecimento das vantagens associadas à língua (Kanu, 2008). O mesmo acontece entre as línguas nativas, pois algumas são mais dominantes que outras e possuem certas vantagens que línguas de menor *status* não tem. Por exemplo, limba, temne, mende e krio são as línguas locais que apresentam tradução em caso de pronunciamentos ou então notícias em inglês. Portanto, acontece uma troca de língua local menos poderosa para uma outra língua local mais dominante.

A Serra Leoa faz parte de um grupo de países do Sul global, em que a única língua oficial do país não é a mais falada pela população. Além de Serra Leoa, outras regiões incluídas nesse grupo devido a esse fenômeno apontado, são a Namíbia, por exemplo, e, na América Latina, a Guiana, uma das poucas regiões que a Inglaterra colonizou na América. Na Guiana, a única língua oficial é o inglês. Porém, apenas 15% da população fala inglês como primeira língua, aproximadamente, enquanto 85% falam o crioulo guianês (Hardin, 2024). Além disso, vale mencionar que o Haiti, ex-colônia francesa, estaria incluído nesse grupo caso o crioulo

haitiano, língua amplamente falada pela população, não tivesse ganhado mais *status* ao tornar-se língua oficial ao lado do francês, ou seja, adquiriu um nível maior de proteção institucional. Como o francês é falado por cerca de 10% da população, caso fosse a única língua oficial, o Haiti ainda estaria vivenciando o mesmo fenômeno (Warner, 2021).

A partir desses exemplos, percebe-se que a língua crioula é comum em vários países do Sul global. Tem-se o crioulo (krio) na Serra Leoa, o crioulo haitiano, crioulo guianês, crioulo da Guiana Francesa e o crioulo cabo-verdiano, entre outros. Segundo Tore Janson (2015), existem algumas perspectivas sobre o que seria a língua crioula. Uma das percepções expressava que o crioulo era, na verdade, o inglês mal falado, ou ainda o francês e o português mal falados. No entanto, a história por trás do surgimento das línguas crioulas mostra que elas surgiram no período colonial, entre os indivíduos que foram escravizados. A fim de evitar rebeliões ou fugas, os povos escravizados por colonizadores e, muitas vezes, traficados, eram de grupos linguísticos diferentes, ou seja, não havia uma língua em comum para se comunicarem, ou poucos falavam a mesma língua. Isso implicava em perda de identidade linguística à força, além de precisarem aprender a língua do colonizador o suficiente para se entenderem. Entretanto, ao invés de aprenderem a língua do europeu, “inventaram um espaço linguístico só deles” (Janson, 2015, p. 215). Portanto, no caso do inglês, as línguas crioulas na Serra Leoa e na Guiana tem base inglesa, ou seja, tomam boa parte do vocabulário do inglês, mas misturam com línguas de outros grupos linguísticos, o que as torna uma língua muito diferente do inglês.

Uma das teorias que busca explicar a formação do krio é a Teoria da Origem Américo-Caribenha, defendendo que a sua formação foi possível a partir do *pidgin* levado à região de Serra Leoa por meio de escravos libertos da Jamaica (Oyètádé; Luke, 2008). O *pidgin* de base inglesa consiste, basicamente, em uma versão menos desenvolvida anterior à formação da língua crioula (Janson, 2015). Eventualmente, estabelecido no território, o krio passou a ser usado cada vez mais e em diferentes contextos do dia a dia da população. Por esse fator, os autores B. Akíntúndé Oyètádé e Victor Fashole Luke levantam a questão do krio como possível instrumento de integração nacional, por intermédio da sua elevação à língua oficial do país, já que o inglês é uma língua mais elitista na história de Serra Leoa.

Diante disso, muitos dos impactos do inglês à população serra leonesa fazem parte da realidade de muitos dos países do Sul global que foram colonizados. Por essa razão, o caso de Serra Leoa é representativo e suas experiências com o inglês hegemônico podem ser generalizadas para os países da região com um passado colonial. Todavia, é válido pontuar que existem efeitos que atingem mais os países que foram colonizados pela Inglaterra,

predominantemente os africanos, e efeitos que afetam amplamente o Sul global, pelo simples fato de estarem inseridos em uma sociedade internacional dominada pelo inglês. Sendo assim, a partir da análise de Serra Leoa, é possível inferir quais são os efeitos linguísticos, políticos e socioeconômicos ocasionados pela hegemonia do inglês para o Sul global.

4. AS IMPLICAÇÕES DO INGLÊS PARA O SUL GLOBAL

Após uma profunda imersão histórica sobre o inglês e análise do cenário linguístico em Serra Leoa, é possível inferir os principais efeitos de natureza linguística, política e socioeconômica da hegemonia do inglês no Sul global. O primeiro efeito se refere à língua em si, o que inclui o impacto do inglês sobre o *status*, ou então a posição que as línguas locais de uma sociedade ocupam, podendo ser ameaçadas, e o impacto referente às transformações da própria composição da língua local devido às influências da língua estrangeira. Já o efeito político continua ligado à língua, todavia aborda a partir de uma perspectiva mais humana, identificando de que forma o inglês impacta a vida política dos indivíduos não falantes de inglês, como a sua participação política na sociedade. Por fim, o efeito socioeconômico está voltado para o mercado de trabalho e ao sistema educacional, e diz respeito ao fato de o inglês conferir vantagens socioeconômicas para os seus falantes, como, por exemplo, a possibilidade de encontrar empregos melhores e mais bem remunerados, e acesso à educação, até mesmo a oportunidade de ingressar no ensino superior.

Num primeiro momento, é válido serem mencionados quatro principais efeitos linguísticos. Primeiramente, assim como em Serra Leoa, o inglês hegemônico se apresentou como língua unificadora de muitas ex-colônias multilíngues em processo de independência, a fim de evitarem conflitos linguísticos sobre qual língua local deveria prevalecer como língua oficial (Crystal, 2007, p. 85). Essa é uma explicação para o uso contínuo do inglês como oficial mesmo após a independência dos países da Inglaterra.

Apesar de se pensar políticas bilíngues e multilíngues como uma solução para possíveis conflitos linguísticos, esse tipo de política exige mais recursos do governo (Crystal, 2007, p. 127). Por isso, é comum que os países não adotem muitos idiomas como oficiais pelos custos e pelo trabalho que daria ao poder estatal, no sentido de comunicação, capacitação de professores e materiais para alunos de diferentes línguas maternas. Um outro exemplo disso é a Nigéria, que possui uma diversidade linguística, como a língua *igbo*, *hausa* e *iorubá*. No entanto, a língua oficial é o inglês.

Em seguida, o segundo efeito linguístico do inglês, enquanto língua dominante, é a tomada de espaço e a perda de *status* por parte de línguas locais menos dominantes, ou seja,

com menos falantes e menos protegidas por instituições. Inclusive, quanto menos falantes e menor presença consolidada em setores formais da sociedade, mais suscetível está a língua a deixar de existir, pelo menos enquanto língua falada. Eventualmente, os pais podem deixar de ensinar a língua menos dominante para seus filhos, na expectativa de ajudá-los a se inserirem na sociedade mais cedo. No caso de Serra Leoa, o inglês é uma língua muito potente, que se inseriu em muitos espaços e, sem medidas que protejam as línguas locais, como a obrigatoriedade delas como disciplina nas escolas, elas estarão sujeitas à perda contínua de *status*.

O terceiro efeito linguístico do inglês, como consequência da perda de *status* e eventual extinção da língua, é a perda da possibilidade de acesso a histórias de diferentes povos e de seus conhecimentos que poderiam ser benéficos à sociedade, pois mesmo que permaneçam registros, não haverá quem compreenda esses textos. Em consequência disso, a humanidade pode estar perdendo grandes contribuições.

Por fim, outro efeito linguístico é referente à influência do inglês na composição das línguas locais, ou seja, seus vocabulários. Isso porque ocorrem, frequentemente, empréstimos lexicais do inglês ou até mesmo frases inteiras passam a fazer parte do vocabulário. No Brasil, como já citado, o empréstimo de palavras do inglês está muito presente no dia a dia. Existem diversas palavras da área da tecnologia que simplesmente foram importadas, já que com a revolução tecnológica, muitas tecnologias eram novidade para os países do Sul menos industrializados. Esse tipo de influência do inglês atinge outras línguas em nível global, o que preocupa a Academia Francesa na França, por exemplo, que tenta, pela força da lei, barrar os empréstimos de palavras da língua inglesa quando já existentes na língua francesa (Crystal, 2007). Na Serra Leoa, essa dinâmica de empréstimos se dá de forma mais complexa, quando observado o caso da língua krio, cujo vocabulário vem, significativamente, do inglês.

Quanto aos efeitos políticos, o inglês fornece vantagens na vida política de seus falantes, devido ao seu poder político. Portanto, o contrário é o caso de pessoas que não falam inglês. Em consequência disso, primeiramente, tem-se a exclusão ou limitação da participação política por parte de não falantes de inglês, já que a língua pode ser uma ferramenta para promover a democracia na sociedade ou a exclusão dos debates políticos. Essa limitação e exclusão acontecem seja no território nacional, como em Serra Leoa, e principalmente no meio internacional. Quanto ao âmbito nacional, o impacto ao exercício pleno da vida política ocorre sobre a possibilidade de ocupar cargos políticos, e na cidadania, de cidadãos comuns que são excluídos de discussões que lhes dizem respeito.

Na academia, autores/pesquisadores que não publicam em inglês terão seus trabalhos ignorados pela comunidade internacional ou estes não terão o alcance que gostariam (Crystal, 2007). Isso porque o inglês lhes fornece poder político. Além disso, podem ficar desinformados com relação às pesquisas publicadas do seu respectivo ramo, pois muitas estarão em inglês. Como resultado desse incentivo para escrever em inglês, há uma redução de registros em sua língua materna, que pode estar, possivelmente, em face de uma ameaça de extinção - não uma completa extinção desde que sobrevivam seus registros por escrito.

Sendo assim, quanto mais se publica em inglês e menos se publica em línguas nativas, ocorre, progressivamente, o processo de “desculturação” ou “deculturação”. Esse conceito, criado pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1995), significa a perda, pelo indivíduo, de seus traços culturais ao se adaptar, se aproximar de uma nova cultura. Ribeiro (1995) *apud* Adelia Miglievich Ribeiro (2011), trata do ato de “deculturar” no contexto brasileiro do período escravista, que remete à colonização no Brasil, como colocado abaixo.

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atroz, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compreensão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses (RIBEIRO, 2011, p. 38).

Partindo do pressuposto de que a língua é algo intrínseco à cultura dos indivíduos, entende-se que o processo de desculturação aconteceria no fato de o indivíduo escrever e se expressar em inglês na maior parte do tempo em detrimento da língua materna, gradativamente perdendo seus traços culturais. A diferença é que, no período colonial, a desculturação ocorreu através do controle tanto do corpo quanto da mente pelo colonizador europeu, enquanto, nos tempos atuais, esse processo ocorre de maneira mais sutil, sem que se perceba partes da cultura construída a priori se desvanecendo.

Apesar das implicações à vida política do indivíduo que o levam a aprender e escrever em inglês, é válida a posição adotada por Patrick Ngulube⁹ (2012), defensor da publicação em línguas indígenas. Ele informa que, embora produções literárias e acadêmicas em línguas indígenas minoritárias alcancem um mercado pequeno, os escritores deveriam escrever em suas línguas maternas, pois tem a percepção de que a publicação há de ter um propósito maior além

⁹ Patrick Ngulube é professor no Departamento de Pesquisa Interdisciplinar na Faculdade de Estudos de Pós-graduação, Universidade da África do Sul.

do comercial, como a contribuição cultural, intelectual e social para a sociedade. Esse é um exemplo de reação ao efeito do inglês, uma forma de resistência adotada por aqueles que tomam consciência da ameaça de sua língua e/ou a importância de preservá-la, como Ngugi Wa Thiong'o, tendo abandonado publicações em inglês para dar prioridade a sua língua Gikuyu. Porém, Ngulube também compreende que esta não é uma decisão que depende somente dos escritores e pesquisadores, já que muitas das editoras que publicam esses trabalhos estão interessadas em atingir um mercado maior.

Finalmente, no que tange aos efeitos socioeconômicos do inglês hegemônico, é importante destacar três. Em primeiro lugar, como o inglês enquanto língua global passou a ser mandatório em oportunidades de emprego e de estudo, mas principalmente em empregos mais bem remunerados e valorizados, não falantes de inglês podem enfrentar exclusão ou desvantagem no mercado de trabalho privado ou público no âmbito nacional e/ou internacional, a depender do país. O mercado de trabalho de Serra Leoa é um exemplo de grande vulnerabilidade, pelo fato de que a sua população não tem muita proteção da hegemonia do inglês nem no âmbito nacional e nem no âmbito internacional, já que os cargos públicos dão preferência para falantes de inglês, uma minoria. Consequentemente, é também uma minoria que conseguiria tentar posições em multinacionais. Outros países, como o Brasil, também sofrem com a exigência do inglês em oportunidades de emprego voltadas para o nacional. Porém, é relativamente mais possível ter chances em empregos privados e públicos somente com o português.

Em segundo lugar, como resultado do pensamento colonial enraizado e a posição dominante do inglês, percebe-se que foi construído um complexo de inferioridade. Por muito tempo, professores em escolas de países do Sul global foram responsáveis pela provocação do sentimento de vergonha em crianças e jovens pelo uso de línguas maternas na sala de aula ao invés do inglês (Gellman, 2020). O sentimento de superioridade e modernidade não está somente atrelado ao inglês, em países anglófonos que foram colônia britânica, como a Serra Leoa e a Nigéria, mas também, por exemplo, em países francófonos pela colonização francesa.

Um exemplo do complexo de inferioridade, no caso do francês, é o sistema educacional em Senegal. Segundo o antigo presidente de Senegal, Leopold Sédar Senghor, em seu discurso em 1971, não tomar o francês como língua oficial e de instrução não seria possível nem desejável (Ndione, 2021). Assim, desde a sua independência, Senegal utiliza o francês como língua de instrução nas escolas. A partir disso, de fato, há de se considerar as dificuldades na gestão do multilinguismo pelo poder estatal, e as línguas europeias estabelecidas no período colonial permitiram se instalar uma neutralidade no país, evitando conflitos étnicos.

No entanto, esse tipo de pensamento, quando tem o poder a sua disposição, provoca problemas profundos nesses países ligados à alfabetização e desigualdades. Dentre as críticas ao discurso do ex-presidente, podem ser citadas o elitismo, a favor de uma cultura defendida pelo presidente Leopold, e a desvalorização das línguas nacionais, quando os poderes fazem com que prevaleçam as línguas europeias, que são, muitas vezes, atreladas ao progresso científico e à modernidade (Ndione, 2021).

Sendo assim, por um lado, a língua materna é associada à inferioridade, pelo sentimento de vergonha e raiva provocado pelos professores através de punições. Por outro lado, as línguas de origem europeia, como o inglês e o francês, são associadas à superioridade e geram o sentimento de orgulho. Consequentemente, o efeito que o inglês vem provocando há muito tempo aos não falantes de inglês, é o sentimento de inferioridade e o tratamento por terceiros como tal, os colocando como inferiores na pirâmide social.

Por fim, em terceiro lugar, a não adoção de línguas nacionais e a preferência pelo inglês elitista, prejudicam o acesso à educação de qualidade por toda a comunidade. Partindo do pressuposto de que os alunos aprendem melhor na sua língua materna, língua falada diariamente em sua casa, e que o acesso à educação de qualidade é um direito, a obrigatoriedade do ensino em inglês nesses contextos se choca com um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS), a ODS 4. Essa ODS em questão se refere ao objetivo de “ ‘assegurar educação de qualidade inclusiva e equitativa e promover oportunidades de aprendizado a todos ao longo da vida’ ” (Ndione, 2021, p. 97). Além disso, um dos subindicadores estabelecidos para mensurar a ODS 4 é justamente a “ ‘porcentagem de estudantes em educação primária cuja primeira língua ou língua materna é a língua de instrução’ ” (Ndione, 2021, p. 97).

Nesse sentido, a estrutura linguística que privilegia o inglês como língua de instrução em nações multilíngues não assegura o acesso à educação de qualidade inclusiva e equitativa, e poda as oportunidades de indivíduos de continuarem investindo em sua educação e carreira, por meio do ensino superior, tendo em vista que as universidades dão preferência para os alunos que falam inglês e obtiveram desempenho no idioma ao longo de sua educação. Sendo assim, os não falantes de inglês, em países como a Serra Leoa, têm seu futuro limitado. Aparentemente, mesmo após as independências, os países não se libertaram das correntes mentais da colonização.

Finalmente, após investigar a língua inglesa ao longo da história e no contexto atual de Serra Leoa, nos deparamos com as principais implicações provocadas pela hegemonia do inglês ao Sul global, local e globalmente. Portanto, cabe adentrar nas principais conclusões do que foi analisado, e, possivelmente, propor alternativas que amortecem os efeitos negativos do inglês,

uma vez que muitas línguas minoritárias do Sul global não tem a capacidade de gerar balanços na estrutura linguística do mundo atual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos casos de sucesso do latim e do inglês contribui para que se avalie que sem poder a língua não tem prosperidade. Na esfera internacional, não teria sido possível a hegemonia da língua inglesa sem o seu vínculo a poderes hegemônicos, sendo eles a Inglaterra até meados do século XX e os Estados Unidos, atual *hegemon*. Além de acesso ao poder estatal, percebe-se, pelo caso dos Estados Unidos, que quanto mais polos de poder o Estado possui, maiores as chances de sua língua aliada ter êxito internacional. Sendo assim, havendo mudança na distribuição de poder do sistema internacional, a configuração linguística também tem chance de ser alterada. Inclusive o inglês, língua global reconhecida atualmente, poderia perder o *status* no caso de uma grande reconfiguração do sistema internacional. Esse fenômeno foi observado a partir dos Estados Unidos e o exemplo atual da ascensão do mandarim, da China. Os Estados Unidos não somente alcançaram hegemonia econômica, política e militar-tecnológica, mas também cultural, e revolucionaram a maneira com que as línguas podem ser propagadas. No caso da China, sua ascensão enquanto potência econômica permitiu que o mandarim se tornasse mais atraente no âmbito do comércio.

Quando observamos o Sul global, em termos de poder, toma-se consciência de que não há muita perspectiva, no momento, de as línguas locais atingirem um patamar internacional e/ou transcontinental. Primeiramente, muitas das línguas indígenas anteriores à colonização foram oprimidas e são pouco expressivas no território nacional, principalmente na América. Já no continente africano, embora as línguas locais ainda estejam mais presentes, muitos países africanos não as tomaram como suas aliadas, fornecendo a oficialidade, como é o caso de Serra Leoa. Assim, sem que os Estados, primeiro, se tornem aliados das línguas locais e assegurem a sua proteção nacionalmente, não é possível pensar a difusão delas. Além disso, a posição que os países do Sul global ocupam em termos dos diferentes eixos de poder, colocam as suas línguas em uma situação desfavorável.

A despeito disso, ainda é importante prezar pela proteção das línguas locais, mesmo que não haja perspectiva de que isso aconteça em nível global. A língua possui um vínculo muito forte com a identidade e a cultura de uma comunidade, e cada uma foi construída com base em distintas formas de ver e interpretar o mundo. Protegê-las é uma questão de manutenção da diversidade, preservação de fontes de conhecimento e um direito do ser humano, não somente porque a língua faz parte de quem é, mas também porque o indivíduo pode ser muito

comprometido com relação aos seus demais direitos. Por exemplo, o direito à educação inclusiva e de qualidade, e o direito a um trabalho digno.

Nesse sentido, existem medidas estatais pela preservação de línguas locais. No caso de Serra Leoa, foram citadas, por exemplo, a inclusão de línguas locais como disciplinas nas escolas e o fornecimento de tradução do inglês para as línguas krio, temne, mende e limba, em caso de pronunciamentos oficiais e notícias. Entretanto, existe uma grande dificuldade em aplicar medidas efetivas que protejam, de fato, a própria população dos impactos do inglês como língua oficial do país e língua global.

Desse modo, pensando em maneiras de reduzir os impactos do inglês causados pelo fato de ser a única língua oficial do país, cuja população em sua maioria não fala inglês, a primeira ideia para atingir esse objetivo seria abraçar o multilinguismo. Isso implicaria em tornar oficiais as línguas mais amplamente faladas na Serra Leoa, incluindo-as em espaços relevantes que ficaram limitados ao inglês, como a educação. No entanto, para muitos países do Sul global pode ser inviável adotar essa medida.

Primeiramente, porque a língua europeia surgiu como uma solução. O inglês e outras línguas europeias tiveram uma função unificadora no processo de independência colonial de países do Sul global, a fim de evitar conflitos de qual língua deveria prevalecer frente às variadas línguas de diferentes grupos étnicos. Consequentemente, em países multilíngues, não haveria a possibilidade de estabelecer apenas uma ou duas línguas nativas a mais como oficiais. Apesar de atender uma parcela maior da população, poderia haver conflito de interesses entre os falantes de outras línguas dominantes no local. Entretanto, além de não poder ser viável o multilinguismo parcial, o multilinguismo total apresenta ainda mais desafios, pelo encargo público ainda maior.

A Serra Leoa conseguiu, há pouco tempo, tornar toda a educação escolar gratuita, depois de reduzir os custos dos alunos lentamente. Para adotar o multilinguismo total, tornando oficiais as principais línguas locais, sendo elas krio, mende, temne e limba, o país precisaria de recursos para produção de materiais em todas as línguas oficiais e para a capacitação de professores, atendendo todas as regiões. Por muito tempo a Serra Leoa enfrentou e ainda enfrenta dificuldades com apenas uma língua oficial, implementar outras quatro seria impensável. Um exemplo de sucesso do multilinguismo é a África do Sul, que adotou 11 línguas como oficiais. Porém, essa não é uma realidade de todos os países, pelo encargo público que acompanha essa medida.

Dessa forma, tanto o uso do inglês como única língua oficial quanto o multilinguismo apresentam suas dificuldades para países do Sul global, com destaque para os países africanos,

onde mais acontece esse fenômeno. É possível dizer que o multilinguismo, em um cenário ideal, garantiria mais inclusão e igualdade, além de uma efetiva proteção das línguas locais. Enquanto a oficialidade reservada somente ao inglês e outras línguas europeias da colonização, ainda que toda a população fale a língua, a diversidade linguística é ameaçada.

Cabe mencionar ainda, o papel das línguas crioulas como alternativa, em alguns países, à estrutura linguística voltada para o inglês e outras línguas de origem europeia, como o francês. Essa proposta advém do fato de que é possível observar que as línguas crioulas são amplamente aceitas, seja de base inglesa, francesa ou portuguesa. No caso do Haiti, que foi colonizado pela França, tinha apenas o francês como oficial e uma pequena minoria era fluente na língua, enquanto o crioulo haitiano de base francesa era amplamente falado. Assim, posteriormente, recebeu o título de língua oficial. Já na Serra Leoa, a língua crioula de base inglesa, o krio, também é amplamente falado e aceito em situações mais informais. Embora tenha sido negligenciada, anteriormente, o cenário é outro atualmente. Isso demonstra que, possivelmente, a depender das especificidades de cada país, a adoção da língua crioula seria uma boa alternativa nos casos em que o multilinguismo não é facilmente aplicável.

Nesse sentido, o estudo da língua é multifacetado e ainda mais complexo ao tratar de uma variedade de países do Sul global, que apesar de suas semelhanças e o enfoque nos continentes africano e americano, cada um possui suas particularidades. Essas singularidades se manifestam em aspectos culturais, históricos e sociais que influenciam diretamente a maneira como as línguas se desenvolvem, são preservadas ou enfrentam desafios de extinção. Além disso, o impacto do colonialismo, a diversidade étnica e as diferentes trajetórias políticas desses países criam cenários linguísticos únicos, onde a interação entre línguas locais e as línguas coloniais resulta em dinâmicas complexas de poder, identidade e resistência.

Em vista disso, a discussão sobre a temática da língua a partir do campo de Relações Internacionais não deve ser limitada ao presente trabalho. São válidos trabalhos futuros que busquem abordar o contexto interno de outros países do Sul global com mais profundidade e identificar como as línguas dominantes podem impactar demais línguas e seus falantes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANGURA, Saidu. *A Roadmap to Sierra Leone English: A Sociohistorical and Ecological Perspective*. Universidad de las Palmas de Gran Canaria, 2015.

CENTRAL STATISTICS OFFICE. *The Analytical Report 1985 Population and Housing Census Sierra Leone*. Tower Hill, Freetown, 1985.

CÉSAIRE, Aimé. *Discourse on Colonialism*. Tradução de Joan Pinkham [s.I.] NYU Press, 2000.

CHAVEZ, Andres. Education Rights in Education and Self-Identity: Education and Language of Instruction in Namibia. Canadian Center of Science and Education. *International Education Studies*; v. 9, n. 3; 2016.

COX, Robert W. Gramsci, hegemony and international relations: an essay in method. *Millennium: Journal of International Studies*, London, v. 12, n. 2, p. 162-175, 1983.

CRYSTAL, David. *English as a global language* (2. ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

GELLMAN, Mneesha. “Mother tongue won’t help you eat”: Language Politics in Sierra Leone. *Malboro Institute for Liberal Arts and Interdisciplinary Studies*, Emerson College, USA, 2020.

GOFF, Kerby. *Globalization and Education in Sierra Leone*. Fuller Theological Seminary. 2011.

GRADDOL, David. Global English, global culture? *Redesigning English: new texts, new identities*. London: Routledge, 1997. p. 184-218.

HARDIN, Elvira. *Why does Guyana speak English?* 2024. Disponível em: Why does Guyana speak English? - Geographic FAQ Hub: Answers to Your Global Questions (ncesc.com). Acesso em: 26 ago. 2024.

JANSON, Tore. *A história das Línguas: uma introdução*. Tradução Marcos Bagno. 1.ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KANU, Sullay. *Languages at Risk: A Case Study from Sierra Leone*. University of Alberta, 2008.

KNOEMA. *Serra Leoa*. s.d. Disponível em: Serra Leoa | Dados e estatísticas - knoema.com. Acesso em: 3 set. 2024.

MALISA, Mark. MISSEDJA, Thelma Quardey. *Schooled for Servitude: The Education of African Children in British Colonies, 1910–1990*. Educational Research and Administration, University of West Florida, Pensacola, FL 32514, USA. 2019.

NDIONE, Augustin. Introducing Wolof in Senegalese schools: a case study. *Language and the Sustainable Development Goals*. London: British Council, 2021.

NGULUBE, Patrick. *Revitalising and preserving endangered indigenous languages in South Africa through writing and publishing*. Department of Interdisciplinary Research of the College of Graduate Studies. University of South Africa, 2012.

NIETO, David Gonzalez. The Emperor's New Words: Language and Colonization. University of Massachusetts Boston. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-knowledge*, V, Special double-issue, summer 2007, 231-238.

OYÈTÁDÉ, B. Akíntúndé; LUKE, Victor Fashole. *Sierra Leone: Krio and the Quest for National Integration*. National and Language Identity in Africa. Oxford University Press, New York, 2008.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. Darcy Ribeiro e o enigma Brasil: um exercício de descolonização epistemológica. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 26 Número 2 maio/agosto 2011, p. 23-49.

STATISTICS SIERRA LEONE. *2004 Population and Housing Census*. Analytical Report on Education and Literacy. 2006.

STATISTICS SIERRA LEONE. *2015 Population and Housing Census. Thematic Report on education and literacy*. 2017.

SHEPPARD, Bede. *Human Rights Watch*. Mais de 70 países se comprometem a fortalecer o direito à educação gratuita. 2023. Disponível em: Mais de 70 países se comprometem a fortalecer o direito à educação gratuita | Human Rights Watch (hrw.org). Acesso em: 13 jun. 2024.

TRANSLATORS WITHOUT BORDERS. *Language data for Sierra Leone*. (n.d.). Disponível em: Language data for Sierra Leone - Translators without Borders. Acesso em: 12 jun. 2024.

THE WORLD BANK. *Education in Sierra Leone*. [s.l.] World Bank Publications, 2007.
WARNER, Andrew. French in Haiti: Is It Time for a Change? *Language Magazine*. 2021. Disponível em: French in Haiti: Is It Time for a Change? - Language Magazine. Acesso em: 26 ago. 2024.

WA THIONG'O, Ngugi. *Decolonizing The Mind: The Politics of Language in African literature*. London: J. Currey; Nairobi. 1986.

WORLD BANK GROUP. *Population, total – Sierra Leone*. United Nations World Population Prospects. 2024. Disponível em: Population, total - Sierra Leone | Data (worldbank.org). Acesso em: 26 ago. 2024.

YANG, Jianbu; ZENG, Jie. *English Language Hegemony: Retrospect and Prospect*. School of Foreign Languages, Chengdu Normal University, Chengdu, China, 2024.